



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS III – GUARABIRA/PB**  
**CENTRO DE HUMANIDADES - CH**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DE**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MARTA DOS SANTOS SILVA**

**CLASSES HOSPITALARES: DESAFIOS DA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE PEDAGOGOS  
E PROFESSORES HOSPITALARES**

**GUARABIRA**

**2022**

**MARTA DOS SANTOS SILVA**

**CLASSES HOSPITALARES: DESAFIOS NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE PEDAGOGOS  
E PROFESSORES HOSPITALARES**

Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva.

**GUARABIRA**

**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Marta dos Santos.  
Classes hospitalares [manuscrito] : desafios da formação e atuação de pedagogos e professores hospitalares / Marta dos Santos Silva. - 2022.  
46 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.  
"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."  
1. Classes hospitalares. 2. Pedagogia. 3. Formação. 4. Atuação. 5. Desafios. I. Título  
  
21. ed. CDD 370.71

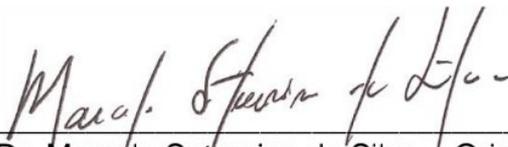
**MARTA DOS SANTOS SILVA**

**CLASSES HOSPITALARES: DESAFIOS NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE  
PEDAGOGOS E PROFESSORES HOSPITALARES**

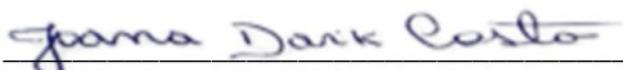
Trabalho de Conclusão de Curso em  
Pedagogia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 06/12/2022.

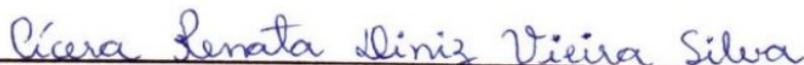
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva – Orientador  
Prof. do Dep. de Educação – Campus III  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ms. Joana Dar' K Costa – Examinadora Interna  
Prof. do Dep. de Educação – Campus III  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Cícera Renata Diniz Vieira Silva – Examinadora Externa  
Profa. Da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras  
Centro de Formação de Professores  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

A Marta de 5 (cinco) anos atrás, que não  
acreditava que ela chegaria até aqui.

**DEDICO.**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por cuidar dos caminhos que me trouxeram até aqui.

Aos meus pais, Antônio e Severina, por serem exemplos e sempre me incentivarem a alcançar os meus objetivos.

Ao meu irmão, Matheus, por todo o apoio, auxílio e incentivo.

Ao meu namorado, João, por ter sido calma nos dias tempestuosos.

Aos meus amigos de longa data: Noberto, Gean, Milena, Karol e Jamily, que sempre acreditaram no meu potencial.

Aos amigos que o curso me deu: André, Geane, Ruth, Gessica e Naiara, que não me deixaram desistir do curso.

Ao meu amigo Marcelo, que Deus usou de instrumento, para me avisar que eu havia passado para Pedagogia.

Aos meus amigos, Àlex, Junior e Marcely, que nas idas e vindas para a Universidade me ensinaram tanto sobre a vida.

Aos professores do ensino médio, Andreia e Josildo, que marcaram tanto a minha vida e são os grandes responsáveis pelo que eu sou hoje.

Ao meu orientador, Marcelo, que, além dos saberes acadêmicos, me ensinou que tudo tem o seu tempo, não adianta se angustiar.

Aos meus patrões, Marinalva e Israel, que no início do curso me deram a oportunidade de emprego, que me permitiu dar continuidade e finalizar o curso sem preocupações financeiras.

Aos meus amigos e colegas de trabalho: Marinaldo, Fabricia, Rejane, Gislayne, Samira, Karen e Alciele, pelo apoio de todos os dias, principalmente durante a elaboração desse trabalho.

A minha afilhada, Ana Cecília.

E as tantas e tantas pessoas que passaram rapidamente pela minha vida durante a graduação, e deixaram ensinamentos que eu levarei para a vida toda.

## RESUMO

A área de trabalho dos profissionais de educação nos últimos anos tem ultrapassado as barreiras das escolas regulares e adentrado outros espaços, a exemplo do ambiente hospitalar, no âmbito do qual se destacam as classes hospitalares, como lugar de atuação dos profissionais de pedagogia. Neste sentido, a presente pesquisa, tendo como tema as classes hospitalares objetiva investigar os desafios da formação e da atuação dos profissionais que atuam nesses espaços [salas hospitalares], buscando ainda identificar os principais desafios para uma atuação efetiva junto as crianças e adolescentes hospitalizados. O trabalho é resultado de uma pesquisa de campo, de caráter exploratória e de natureza qualitativa. A população do estudo é constituída por três professoras dos Estados da Paraíba e de Pernambuco cuja trajetória tenha sido marcada pela atuação no espaço das salas hospitalares. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, realizadas através do WhatsApp e do Google Forms. Além disso fez-se uso, também de dados indiretos constituído pela grade curricular do curso de Pedagogia das três universidades públicas do Estado da Paraíba. Foi possível constatar a ausência da temática nos cursos de formação inicial dos pedagogos, o que pode explicar a ausência de profissionais interessados em trabalhar nos ambientes das salas hospitalares. verificou-se que a presença de professores e pedagogos em hospitais é de suma importância, tendo em vista que os mesmos, além de garantirem o direito a educação de crianças e adolescentes hospitalizados, contribuem com a melhoria da saúde desses sujeitos.

**Palavras-chaves:** Classes hospitalares; Pedagogia; Formação; Atuação; Desafios

## **ABSTRACT**

The work area of education professionals in recent years has overcome the barriers of regular schools and entered other spaces, such as the hospital environment, in which hospital classes stand out as a place for pedagogy professionals to work. In this sense, the present research, having hospital classes as its theme, aims to investigate the challenges of training and performance of professionals who work in these spaces [hospital rooms], also seeking to identify the main challenges for effective action with hospitalized children and adolescents. The work is the result of field research, exploratory and qualitative in nature. The study population consists of three teachers from the states of Paraíba and Pernambuco whose trajectory has been marked by their work in hospital rooms. Data were collected through semi-structured interviews, carried out through WhatsApp and Google Forms. In addition, indirect data consisting of the curriculum of the Pedagogy course of the three public universities in the State of Paraíba was also used. It was possible to verify the absence of the theme in the initial training courses for pedagogues, which may explain the absence of professionals interested in working in hospital rooms. . it was verified that the presence of teachers and pedagogues in hospitals is of paramount importance, considering that they, in addition to guaranteeing the right to education of hospitalized children and adolescents, contribute to the improvement of the health of these subjects.

**Keywords:** Hospital classes; Pedagogy; Training; Acting; Challenges

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                  |    |
|----------------------------------|----|
| 1- Grade curricular da UFCG..... | 27 |
| 2- Grade curricular da UFPB..... | 27 |
| 3- Grade curricular da UEPB..... | 28 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- ECA – Estatuto da Criança e Adolescente
- LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação
- PNEE – Plano Nacional de Educação Especial
- UEPB – Universidade Estadual da Paraíba
- UFCG – Universidade Federal da Paraíba
- UFPB – Universidade Federal da Paraíba

## **SUMÁRIO**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Introdução .....</b>  | <b>10</b> |
| <b>Capítulo 1 – Origem histórica e os aspectos legais da classe hospitalar .....</b>                                   | <b>13</b> |
| 1.1 – Conceituando a Classe Hospitalar .....   | 13        |
| 1.2 – Histórico da escolarização nas classes hospitalares no Brasil e no mundo.....                                    | 14        |
| 1.3 – Aspectos legais da pedagogia hospitalar.....   | 17        |
| <b>Capítulo 2 – O profissional de Pedagogia no âmbito das Classes hospitalares: Formação, atuação e desafios .....</b> | <b>21</b> |
| 2.1 – Perfil e atuação do professor e pedagogo na classe hospitalar .....  | 21        |
| 2.2 – Formação .....   | 25        |
| <b>Capítulo 3 – Apresentação e análise dos dados.....</b>  | <b>30</b> |
| 3.1 – Entrevistada 1.....  | 31        |
| 3.2 – Entrevistada 2.....  | 35        |
| 3.3 – Entrevistada 3.....  | 38        |
| 3-5 – Conclusão das entrevistas.....   | 40        |
| <b>Considerações finais.....</b>   | <b>42</b> |
| <b>Referências.....</b>  | <b>44</b> |

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade inúmeras crianças e adolescentes se encontram afastados das salas de aulas regulares devido a algum tipo de enfermidade que exige deles(as) a presença constante em hospitais comprometendo a frequência na escola.

Visando garantir, a essas crianças e adolescentes hospitalizados, o direito à educação, presente na Constituição Federal de 1988, art. 205, no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei n. 8.069/90) e também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB (Lei n. 9394/96), foram criadas e disseminadas em diferentes lugares do país, as “classes hospitalares” possibilitando que crianças/adolescentes, deem continuidade ao seu processo de escolarização, mesmo que no ambiente hospitalar.

São várias as experiências das classes hospitalares no território brasileiro. Tais espaços vêm garantindo às crianças e adolescentes hospitalizados, a continuidade dos processos educativos formais e conseqüentemente, o desenvolvimento intelectual, contribuindo, inclusive, na diminuição do estresse e da tristeza causada pela doença.

No entanto, apesar de sua importância, sobre as classes hospitalares ainda pesa um grandioso silêncio no currículo e no cotidiano dos cursos de Pedagogia, o que significa uma lacuna na formação do profissional de Pedagogia. Como exemplo, podemos citar o próprio curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III, no âmbito do qual pouco se trabalha sobre a temática.

A presente pesquisa parte dessa lacuna e visa compreender quem são os profissionais de educação que atuam nessa área, bem como os desafios para uma atuação qualificada nesses espaços. A escolha do tema foi motivada pela curiosidade e interesse pessoal pelas classes hospitalares, enquanto espaço de trabalho dos profissionais de educação.

A pesquisa configura-se como pesquisa de campo, de caráter exploratória, de natureza qualitativa. Gerhardt e Silveira (2009, p.31) entendem a pesquisa qualitativa como aquela que “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc.”

A população da pesquisa é constituída por três professoras, dos Estados de Pernambuco e da Paraíba que atuam ou que já tenham atuado nas classes hospitalares, em seus respectivos estados. Importante enfatizar que inicialmente buscou-se trabalhar com uma amostra a nível de território nacional, utilizando para tanto do questionário Google Forms. No entanto, tal questionário, disseminado em várias redes sociais, não obteve a adesão dos professores, o que obrigou a pesquisadora a refazer o itinerário da pesquisa.

Nesse sentido, optou-se por entrar em contato com uma conhecida do professor orientador e a partir daí os outros dois contatos se estabeleceram, configurando uma amostragem do tipo bola de neve, que “caracteriza-se como uma forma de amostra não probabilística” a qual mostra-se útil quando se estuda grupo de difícil acesso (VINUTO, 2014, p.203). Nesse tipo de amostragem os informantes são motivados a convidar outros a partir das suas redes sociais.

Importante ressaltar que, no caso desta pesquisa o tamanho da amostra foi determinado a posteriori, pelo número de sujeitos que aceitaram contribuir, na condição de informantes. A coleta de dados foi realizada por meio da entrevista qualitativa, realizada através de telefone (WhatsApp) e por meio o Google Meet. Foram dirigidas perguntas através de um roteiro flexível, que permite às entrevistadas a liberdade de adentrar em assuntos variados iminentes à temática.

Além disso fez-se uso, também de dados indiretos constituído pela grade curricular do curso de Pedagogia das três universidades públicas do Estado da Paraíba: Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Os dados foram adquiridos nos sites das referidas instituições.

Na análise das entrevistas, buscou-se identificar alguns temas e núcleos de sentido, Bardin (1977) presentes em cada uma delas, buscando trabalhar com

algumas categorias *a priori*, elaboradas a partir dos objetivos gerais, a exemplo: “Impasses na formação”, “dimensões do trabalho dos(as) pedagogos(as) que atuam nas classes hospitalares”, quanto com categorias *a posteriori*, isto é, aquelas que puderam ser construídas com base no material coletado.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba (Protocolo n. 5.712.465). Os dados coletados após anuência dos informantes mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, em formato online. Todos os informantes tiveram suas identidades preservadas e a garantia de que os dados serão utilizados exclusivamente na produção científica.

Nesse sentido, nos debruçamos sobre as seguintes questões de pesquisa: Como se dá a formação do pedagogo para atuar nas classes? Como se dá o trabalho dos pedagogos nas salas hospitalares? Quem são os pedagogos que atuam nas classes hospitalares, no Brasil?

O trabalho está organizado em três capítulos, onde o primeiro trata da origem histórica e dos aspectos legais das classes hospitalares, o segundo aborda a formação e atuação dos professores que atuam nas classes hospitalares, junto com os desafios da área, o capítulo três traz os resultados e análises das entrevistas e formulários

## CAPÍTULO 1

### ORIGEM HISTÓRICA E ASPECTOS LEGAIS DA CLASSE HOSPITALAR

#### 1.1 Conceituando “Classe hospitalar”

A pedagogia tende a ser entendida como um campo de conhecimento que estuda o processo de ensino e de aprendizagem, porém Libâneo (2010) dá um significado mais amplo, segundo ele, “ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa” (LIBÂNEO, 2010, p. 29). Ele define a pedagogia como sendo o “campo de conhecimento que se ocupa de estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana” (LIBÂNEO, 2010, p.30).

Sabendo que a educação é um processo que ocorre nos mais diferentes âmbitos da sociedade não se restringindo, portanto, ao espaço das escolas e salas de aulas convencionais, podemos entender a atual expansão da pedagogia e das demais licenciaturas, que têm sobretudo nos últimos anos alcançando diferentes ambientes, como é o caso dos hospitais. Escolarização Hospitalar surge, atrelada ao reconhecimento do direito à educação de crianças e adolescentes hospitalizados, bem como à luta na perspectiva de sua efetivação, tendo como público alvo crianças e jovens que se encontram internados em hospitais para o tratamento de alguma doença.

O atendimento pedagógico-educacional no ambiente hospitalar deve ser entendido como uma escuta pedagógica às necessidades e interesses da criança, buscando atendê-las o mais adequadamente possível nestes aspectos, e não como mera suplência escolar ou “massacre” concentrado do intelecto da criança. O sucesso deste trabalho depende da cooperação contínua e próxima entre os professores, alunos, familiares e os profissionais de saúde do hospital, inclusive no que diz respeito aos ajustes necessários na rotina e/ou horários quando da sua interferência no desenvolvimento do planejamento para o dia-a-dia de aulas na escola hospitalar. (FONSECA, 2008, p. 15)

No ambiente hospitalar existe uma carência de estímulos promotores do desenvolvimento psíquico e sensório-motor infantil, porém, prevalecem sentimentos

como o de medo e de dor, que advém do tratamento da doença (ORTIZ; FREITAS, 2001). “É necessário desmistificar as informações e dar à criança a oportunidade de experimentar a hospitalização com maior aceitabilidade, pontuando um encontro humanizado com a ambiência da saúde e deixando nela boas impressões de crescimento pessoal” (ORTIZ; FREITAS, 2001, p. 71). Por isso, é essencial a união da educação com a saúde, pois o professor vai cuidar do processo de ensino-aprendizagem do indivíduo e ressignificar o ambiente hospitalar.

## **1.2 Histórico da escolarização nas classes hospitalares no Brasil e no mundo**

O termo “classe hospitalar” se refere ao atendimento educacional em hospitais a crianças e jovens que estejam em tratamento hospitalar, ou seja, impedidos de frequentar normalmente a escola por motivos de saúde. Não existe um consenso acerca da data precisa que as classes hospitalares tiveram origem, o que se sabe é que nas primeiras décadas do século XX, já havia registro de atividades pedagógicas no âmbito hospitalar.

Na Europa, as classes hospitalares surgiram inicialmente na França. Alguns pesquisadores afirmam que a primeira classe hospitalar foi implementada pela professora de filosofia, Marie Louise Imbert, em 1929, mas como já foi dito, não existe um consenso quanto a isso. Além do mais, em 1935, foi registrada a primeira escola para crianças consideradas inadaptadas, inaugurada por Henri Sellier.

A Alemanha, junto com outros países da Europa e Estados Unidos seguiram o exemplo da França, e passaram a implementar salas educacionais em seus hospitais. Segundo Esteves (2008), o que popularizou o ensino em hospitais foi a Segunda Guerra Mundial, ocasião em que diversas crianças e jovens foram atingidos e feridos gravemente, fazendo com que tivessem que passar um longo período nos hospitais, impossibilitando-os de frequentar normalmente a escola.

Segundo Oliveira (2015), no Brasil o atendimento educacional em hospitais surge junto com o ensino especial. No início do século XX, havia uma grande incidência de crianças internadas em manicômios, onde o tratamento era igual ao

dos adultos, enxergou-se então a necessidade de um olhar diferenciado para essas crianças. Surgiu então, em 1902, no Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, o Pavilhão-Escola Bourneville, que buscava oferecer um método de tratamento médico-pedagógico para as crianças e jovens inseridas nesse hospício. Silva (2009) traz uma fala de Muller (1998) para reforçar o seu pensamento de que esse método visava a intervenção do caso mais simples ao mais complexo.

Começando pela educação do andar, depois das mãos, da vista, da audição, do olfato, do paladar, da palavra, da higiene pessoal, todos com uso de aparelhos especiais ou objetos diversos. O ensino primário também era ministrado para aqueles menos comprometidos e o ensino profissional para os adolescentes (MULLER, 1998, p.98, apud SILVA, 2009, p.202).

O Pavilhão-Escola Bourneville fechou suas portas em 1944, com isso, de acordo com Oliveira (2015), surgiram as classes especiais, reconhecidas oficialmente, nas enfermarias da Santa Clara de Misericórdia de São Paulo. A criação das classes especiais contribuiu para a posterior regulamentação das classes hospitalares como modalidade de ensino.

Ainda segundo Oliveira (2015), registros oficiais marcam o início das classes hospitalares no Brasil, em 1950, no Hospital Municipal Jesus, porém, bem antes já havia registros de atividades educacionais em centros hospitalares, como no Hospital Barata Ribeiro, que data de 1948, ou seja, ambos realizavam o mesmo trabalho, sem saber da existência um do outro. A primeira professora da classe hospitalar do Hospital Municipal Jesus, foi Lecy Rittmeyer. “As aulas eram dadas individualmente em enfermarias. Procurava-se saber da criança o que ela estava aprendendo ou o que já sabia e preparava a aula de modo a dar continuidade ao seu aprendizado” (OLIVEIRA, 2015, p.6).

No Hospital Barata Ribeiro quem estava à frente dos trabalhos educacionais era Marly Fróes Peixoto, a mesma havia sido internada no Hospital para tratar de um reumatismo infeccioso. Em uma cadeira de rodas, em boa parte do seu tempo cercada de crianças, que assim como ela estavam internadas para tratamento de alguma doença, Marly se voluntariou para lecionar.

Marly e Lecy ao se conhecerem, resolveram unificar os seus trabalhos e buscaram a regulamentação da atividade que desenvolviam nos hospitais, afim de oferecerem melhores condições de aprendizado para os indivíduos em questão. De

início não conseguiram o que almejavam. Levaram as suas reivindicações ao Diretor do Departamento de Educação Primária, o plano de regulamentação foi organizado, porém, houve uma mudança na administração do departamento antes da oficialização da regulamentação.

Contudo, os esforços não foram em vão. O novo administrador do Departamento de Educação Primária, de acordo com Oliveira (2015, p.6), “colocou como condição para a não extinção das classes hospitalares, a instalação de salas de aulas, para que as crianças tivessem, embora internadas, o trabalho escolar, em ambientes próprios. Então a Classe Hospitalar passa a ser uma Unidade Escolar com regime próprio: Classe em Cooperação Hospitalar Jesus”. Araújo e Rodrigues (2020), afirmam que a pedagogia hospitalar no Brasil iniciou junto com as primeiras classes hospitalares do Hospital Municipal Jesus, no Rio de Janeiro, da Santa Casa de Misericórdia, de São Paulo, e do Hospital Barata Ribeiro, do Rio de Janeiro.

Em 1961, foi oficializado a Educação dos Excepcionais, que diz respeito ao atendimento educacional às pessoas com deficiência, pela Lei de Diretrizes e Bases e pela Constituição do Estado da Guanabara.

Diretrizes e Bases da Educação Federal 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Título X. Da Educação Excepcional: Art. 88. A educação de excepcionais deve, no que fôr possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade. Art. 89. Toda iniciativa privada considerada eficiente pelos conselhos estaduais de educação, e relativa à educação de excepcionais, receberá dos poderes públicos tratamento especial mediante bolsas de estudo, empréstimos e subvenções (BRASIL, 1961, p. 1).

Constituição do Estado da Guanabara 27-03-1961. Capítulo II: Da Educação e Cultura: Artigo 60: A educação dos Excepcionais será objeto de especial cuidado e amparo do Estado, assegurada ao Deficiente a assistência educacional, domiciliar e hospitalar (BRASIL, 1961, p.1).

Araújo e Rodrigues (2020) afirmam que na última década do século XX o Hospital Municipal Jesus aumentou o número de salas destinadas ao atendimento educacional, e conseqüentemente aumentou o número do quadro de professoras. Pouco tempo depois a classe hospitalar passou a ser chamada de Classe Especial de Deficientes Físicos do Hospital de Jesus, e posteriormente foi vinculado a Escola Municipal Humberto de Souza Mello. No início do século XXI, foi implantada uma brinquedoteca no hospital, pela professora Elizabeth Leitão Ramos Luiz.

As iniciativas tomadas pelos membros da classe hospitalar Municipal Jesus foram de suma importância para o surgimento de novas classes hospitalares no Brasil, assim como também até hoje servem de inspirações para estudiosos e interessados no tema. Sua história permanece viva e sempre constará como um marco para a pedagogia hospitalar. (ARAÚJO; RODRIGUES, 2020, p. 143).

Não é possível afirmar quantas classes hospitalares existem atualmente no Brasil, pois não há documentos ou pesquisas que informem esses números. Fonseca (1999), por meio de pesquisas afirma que até 1999 haviam 39 classes hospitalares distribuídas em 13 unidades federadas.

### **1.3 Aspectos legais da pedagogia hospitalar**

O direito à educação é considerado um dos direitos fundamentais, fazendo parte do conjunto dos direitos sociais assegurados pela Constituição Federal de 1988, haja vista que além de promover conhecimento teórico, ela contribui para a formação do indivíduo, que por sua vez pode transformar sua realidade e seu contexto de vida.

Em seu artigo 205, a Constituição Federal de 1988, garante que a educação é um direito de todos e responsabilidade do Estado e da família. A carta magna deixa claro que o direito à educação será efetivado sem distinção de cor, gênero, condição física ou posição social, etc., e realça que a educação “será promovida e incentivada com colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Além do mais, no Artigo 206, a Constituição de 1988 advoga que o Estado deve assegurar a igualdade de condições para o acesso e permanência dos indivíduos na escola. E no artigo 214, podemos destacar o inciso II que prevê a “universalização do atendimento escolar”.

Diante desse reconhecimento da educação como um direito essencial pela lei maior que rege o país, que outras leis e decretos foram sendo criados para enfatizar ainda mais esse direito, a exemplo de leis temos a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

A LDB, Lei 9.394/96, em seu artigo 2º, consolida e amplia o dever da família e do poder público na garantia de uma educação de qualidade a todos, tendo como base os princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, com o intuito

de desenvolver plenamente o educando, prepara-lo para exercer corretamente a cidadania e qualifica-lo para o trabalho. A LDB também ressalta que deve haver igualdade nas condições para o acesso e permanência da criança e do adolescente à escola.

O artigo 58, da LDB, em seu inciso 2 afirma que “o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular”.

Por sua vez, o ECA, lei nº 8.064, em seu artigo 53, estabelece que “a criança e adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhe: igualdade de condição e permanência na escola”.

A Resolução nº 02, de setembro de 2001, ao tratar sobre as classes hospitalares, em seu artigo 13 regulamenta que:

Art. 13. Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio.

§ 1º. As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular (BRASIL, 2001)

A partir disso, nota-se que independente do ambiente em que a criança ou adolescente se encontre, ela deve ter acesso à educação, assim, mesmo que esteja internada em um hospital, ou sob cuidados médicos em casa, se ela apresentar condições intelectuais e emocionais de dar seguimento aos seus estudos, isso não lhe deve ser negado.

A pedagogia hospitalar, vem então, efetivar esse direito previsto por lei. O atendimento pedagógico hospitalar está previsto na Lei 13.716, de 2018, no seu artigo 4, que diz:

É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento na esfera de sua competência federativa (BRASIL, 2018)

De acordo com Macedo (2009, p.25), “a classe hospitalar foi reconhecida definitivamente pelo Ministério da Educação e do desporto em 1994, através da publicação da Política Nacional de Educação Especial” (MEC/SEESP, 1994). O PNEE diz:

Por meio de parceria com unidades hospitalares, o sistema educacional deve preparar adequadamente os espaços físicos, disponibilizando ambientes para o ensino e para o atendimento educacional especializado, considerando a ambiência hospitalar e as condições clínicas e psicoemocionais de cada estudante. Esses ambientes apropriados nos quais se desenvolvem as atividades da classe hospitalar devem ser vinculados a uma escola pública ou em parceria com uma escola privada. (BRASIL, 2020, p. 81)

Em 1995, foi publicado pelo Ministério da Justiça e Conselho e o Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente o documento intitulado como “Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados”, que apresenta 20 direitos que devem ser garantidos a crianças e adolescentes hospitalizados. Destaco o artigo 9º que concede a criança e ao adolescente o “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar”.

A Escolarização Hospitalar também aparece no CNE (Conselho Nacional de Educação), em seu artigo 13, na Resolução de nº 2, de 2001.

Art. 13. Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio.

§1º As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para o seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado [...]. (BRASIL, 2001)

Em 2002, foi publicado pelo Ministério da Educação, através da Secretaria de Educação Especial, o documento intitulado como: Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações. Um recorte desse documento diz que:

Cumpra às classes hospitalares e ao atendimento pedagógico domiciliar elaborar estratégias e orientações para possibilitar o acompanhamento pedagógico-educacional do processo de desenvolvimento e construção do conhecimento de crianças, jovens e adultos matriculados ou não nos sistemas de ensino regular, no âmbito da educação básica e que encontram-se impossibilitados de frequentar escola, temporária ou permanentemente e, garantir a manutenção do vínculo com as escolas por meio de um currículo flexibilizado e/ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral (BRASIL, 2002)

Esse documento foi criado com o objetivo de organizar e orientar o trabalho pedagógico no âmbito hospitalar, esse documento traz com ele critérios e princípios para o atendimento educacional tanto nos espaços hospitalares, como nos domiciliares, assim como sobre aspectos físicos, recursos didáticos, a integração entre o sistema de saúde e educacional, além da preparação do profissional que vai atuar nesses ambientes.

## CAPÍTULO 2

### O PROFISSIONAL DE PEDAGOGIA NO ÂMBITO DAS CLASSES HOSPITALARES: FORMAÇÃO, ATUAÇÃO E DESAFIOS

Após entender como surgiu as classes hospitalares e legislação que a assegura, conheceremos nesse capítulo quem são os profissionais de educação que atuam nessa área, como ocorre o seu trabalho, como se dá a sua formação e vamos conhecer alguns desafios área.

#### **2.1 Perfil e atuação do professor na classe hospitalar**

A criança ou jovem que tem o seu cotidiano alterado em decorrência de alguma doença, que exige dos mesmos uma internação ou uma constância no hospital, para tratamento, tem o seu desenvolvimento social, afetivo e intelectual afetado. A nova realidade lhe traz emoções e sentimentos que antes não lhe eram comuns, como dores, angústia, tristeza etc. Tinée e Ataide (2012, p. 5) afirmam que

[...] nesse contexto, essas crianças e jovens que foram afastados da rotina acadêmica e privados da convivência em comunidade, estão correndo o risco de fracasso escolar e de possíveis alterações de desenvolvimento. Portanto, eles necessitam não apenas de cuidados médicos, mas também de um acompanhamento pedagógico especializado (TINÉE; ATAIDE, 2012 p.5)

Tendo em vista isso, a atuação do pedagogo se faz necessária no ambiente hospitalar, pois, além de garantir a efetivação do direito de educação a todos, ela ameniza os impactos que o cotidiano hospitalar pode trazer. É importante sempre lembrar que mesmo doente a criança continua se desenvolvendo. Com isso, é necessário que além da cura, o ambiente hospitalar forneça meios para que a criança continue se desenvolvendo, principalmente no que diz respeito ao intelecto.

Fonseca (2008) ainda afirma que a internação de crianças e adolescentes causa evasão ou defasagem escolar, os mesmos se sentem desmotivados a dar seguimento aos estudos, por acreditarem que incapazes de aprender devido a sua condição de saúde.

Neste caso cabe à escola hospitalar encaminhar solicitação de vaga no ensino regular e trabalhar, por meio das atividades pedagógico-educacionais, a autoestima tanto da criança quanto de sua família, investindo nas potencialidades da criança, o que leva a mudanças na percepção que tenha de si mesma e da escola. (FONSECA, 2008, p.18)

Nesse contexto, o professor torna-se um mediador das relações entre a criança ou o jovem, com a sua escola de origem e com o ambiente hospitalar. Ele mantém contato com a escola da criança/jovem para que quando o mesmo retorne não se sintam alheios ao espaço, além disso ele faz com que eles entendam o seu cotidiano hospitalar, fazendo com que a criança/jovem mude a forma como vê o ambiente e a sua condição.

Na classe hospitalar, o professor vai se deparar com crianças e jovens de diferentes idades, culturas, patologias, locais de origem (TINÉE; ATAIDE, 2012) Mas esses fatores não devem alterar a qualidade do ensino, deve ser posto como algo positivo. Tinée e Ataide afirmam:

A diversidade encontrada nas classes hospitalares favorece a socialização e convivência das crianças com o outro, contribuindo para o aprendizado do convívio com grupo e respeito ao próximo e às diferenças existentes na própria sociedade; além de aprenderem sobre si, suas enfermidades, a vida e a morte (TINÉE; ATAIDE, 2012, p.15)

É importante que o ambiente em que as práticas pedagógicas serão executadas seja acolhedor e feliz, que promova uma relação de cooperação entre todos os profissionais que estão envolvidos com o tratamento da criança em questão. É responsabilidade da área de saúde ceder espaços para a atuação dos pedagogos e professores. Porém, se houver a necessidade de um atendimento junto ao leito da criança ou adolescente, é dever do professor se fazer presente.

Assim, o professor da classe hospitalar, quando sensível às condições de vulnerabilidade e fragilidade dos alunos-pacientes, é um importante elemento para garantir o estabelecimento de uma desejável condição de confiança, para propiciar condições de bem-estar, estimular a autonomia e, principalmente, criar um vínculo afetivo que certamente incorrerá em melhoria das condições dos alunos (SANDRONI, 2011).

Castro (2010) afirma que para atuar em classes hospitalares o professor precisa de algumas habilidades. Em suas palavras: "O professor neste ambiente deve ter clara a noção da perda, dos conflitos sociais, das questões socioeconômicas e culturais; necessita manter o equilíbrio psicológico frente às diversas circunstâncias dos tratamentos". (CASTRO, 2010, p.43)

Castro (2010) ainda sublinha que:

O professor, para atuar em ambiente hospitalar, deve apresentar ampla experiência pedagógica, flexibilidade de trabalho, que irão completar seu perfil para o ambiente hospitalar, deparando-se com mudanças diárias nas enfermarias em que crianças internadas saem de alta ou entram em óbito. Diariamente ao chegar às unidades de internação pediátricas cirúrgicas, oncológicas, transplantes, emergências, doenças infecto-contagiosas, deverá estar preparado para avaliar em curto prazo e oferta conteúdos dirigidos, a idade, ambiente, condições físicas e psicológicas, contaminação e, sobretudo, o tempo de aprendizagem de cada indivíduo. (CASTRO, 2010, p. 46)

O professor da classe hospitalar deve se adequar ao ambiente e possuir um planejamento flexível. É importante também que o mesmo esteja a par do quadro clínico, para adequar a sua prática a condição do mesmo. Seu trabalho, assim como nas escolas, acontece com atividades lúdicas, que desenvolvem as potencialidades das crianças. O contato com a escola também permite que ele dê continuidade aos assuntos abordados nas classes, para que ao retornar à escola a criança/adolescente não se sinta deslocada.

Eneida Fonseca (2008) faz referência a Willes (1979) para destacar a função do professor nas classes hospitalares, segundo ela, tal função não se reduz a manter as crianças ocupadas, e tendo em vista a singularidade da infância enquanto fase de crescimento ou desenvolvimento, não importa que a criança esteja ou não no hospital, é função do professor estimulá-las, agindo como um catalizador na perspectiva de proporcionar-lhes condições para a efetivação de sua aprendizagem.

O profissional que atua no âmbito das classes hospitalares deve ser reflexivo, saber trabalhar em equipe, estar preparado para solucionar diferentes situações e lidar, principalmente com a perda de alunos, em decorrência da doença. Freitas (2008) destaca também como uma característica importante do professor hospitalar a criatividade. Segundo ela, a criatividade conta muito no processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes que se encontram internados, pois transforma a rotina em algo divertido (FONSECA, 2008).

A ludicidade é uma das ferramentas essenciais para o trabalho pedagógico, principalmente no contexto hospitalar, ela ocorre por meio de jogos, brincadeiras, atividades musicais, artísticas e na contação de histórias, ou seja, tudo que instiga a imaginação e a criatividade dos educandos envolvidos. Sua função, além do que já foi pontuada, é auxiliar o processo de aprendizagem e desenvolver o potencial

cognitivo, motor e social do indivíduo. A brinquedoteca é uma possibilidade da ludicidade.

Além das classes hospitalares, outro espaço importante, do ponto de vista educativo no âmbito das instituições hospitalares, é a brinquedoteca, entendida enquanto ambiente que dispõe de jogos e brinquedos, voltados para o desenvolvimento do indivíduo. As atividades nesse ambiente podem acontecer de forma livre ou sob orientação de um profissional da educação. Souza e Martins (2013) ressaltam a importância da brinquedoteca no ambiente hospitalar.

A brinquedoteca no contexto hospitalar pode permitir à criança, ao adolescente e aos familiares esta construção de conhecimento e “re” criação da doença. Durante as atividades na Brinquedoteca é possível trabalhar o intercâmbio entre as crianças, entre as famílias, favorecendo uma troca de experiências, conhecimentos e angústias que surgem diante das doenças e do tratamento. Dando voz ao paciente, permitindo que consigam vivenciar suas expectativas, seus desejos, seus medos de uma maneira menos culposa e em um espaço lúdico e de saúde (SOUZA; MARTINS, 2013, p.125).

O professor nesse ambiente deve praticar também a escuta pedagógica, que consiste em ouvir o que o aluno quer falar. Por meio da escuta o professor vai entender o seu aluno e trabalhar em cima de pontos que o mesmo necessite. Zardo e Freitas afirmam que:

Como a enfermidade é um fator considerável de desajuste para a criança e sua família, é necessário que os profissionais, em caráter multidisciplinar, busquem compreender a situação que a criança está vivenciando. Surge, então, a necessidade de uma “escuta pedagógica” [...]. Quando propomos uma escuta pedagógica à criança hospitalizada, estamos propondo lançar um novo pensar à atenção de saúde da criança que está doente e vivencia a internação hospitalar (ZARDO; FREITAS, 2007, p. 192).

Além da questão educacional, o professor também irá trabalhar com a questão afetiva e emocional da criança. Com isso, ele deve estar preparado psicologicamente para lidar com as inúmeras situações, referentes a essa problemática. É importante ressaltar que o professor deve trabalhar junto com a equipe médica, com os demais profissionais, tais como psicólogo e assistentes sociais e, também, com a família do aluno.

Ser professor, mediador de conhecimentos em classe hospitalar, além da formação especializada, requer preparo emocional, responsabilidade diante do inesperado, disponibilidade para ouvir e alegria para tornar o fardo da enfermidade mais leve. Levar a terapêutica da enfermidade à criança e ao adolescente, de maneira que contribua para que não desistam diante de aprender diante da luta pela vida. (PIERIN; QUADROS, s/a, p. 12-3).

## 2.2 Formação

Apenas um profissional licenciado pode atuar como professor ou pedagogo hospitalar. O documento “Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações”, divulgado em 2002, pelo Ministério da Educação e pela Secretaria de Educação Especial diz que:

O professor deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo. Compete ao professor adequar e adaptar o ambiente, as atividades e os materiais, planejar o dia-a-dia da turma, e registrar e avaliar o trabalho pedagógico desenvolvido. (BRASIL, 2002, p. 22)

Percebe-se que a grade curricular do curso de Pedagogia é considerada completa para a atuação do profissional de educação nos hospitais, porém, não existe um consenso a respeito dessa afirmação. Rotava (2017) afirma que algumas pessoas defendem que deve haver uma formação diferenciada, por acreditar que os cursos não abrangem de forma adequada às especificidades da atividade pedagógica nos ambientes hospitalares.

O saber pedagógico é de suma importância, porém existe a necessidade de alguns conhecimentos específicos, segundo Fonseca (2008, p. 29), o professor deve ter noção sobre “as técnicas e terapêuticas que fazem parte da rotina da enfermagem, e sobre as doenças que acometem seus alunos e os problemas (mesmo os emocionais) delas decorrentes”. Com isso, o atendimento à criança hospitalizada será integral e de qualidade. Entender a doença que afeta a criança, vai ajudar o profissional a trabalhar respeitando as limitações da criança.

Diante disso, nota-se que o trabalho do professor/pedagogo em hospitais exige conhecimentos específicos que a grande maioria dos cursos de licenciatura não abordam, ou tratam de forma secundária. O que descarta a ideia de que a licenciatura por si só prepara o profissional para atuar em ambientes hospitalares, fazendo-se necessário uma formação continuada. O que não se difere das escolas, que possuem tantas especificidades que para uma atuação de qualidade o profissional deve sempre continuar a sua formação. Amaral e Silva (2003, p.3) afirmam que:

[...] para atender à clientela de alunos hospitalizados, são necessários conhecimentos sobre a rotina hospitalar, medicamentos, diferentes tipos de enfermidades, dentre outros aspectos que não constituem práticas usuais de uma professora de escola regular e nem fazem parte do currículo da formação para o magistério, habitualmente. A ampliação das oportunidades de aperfeiçoamento profissional poderá preencher lacunas que a formação inicial docente deixou em aberto (AMARAL; SILVA, 2003, p.3)

As autoras Gonçalves, Pacheco, Oliveira, (2021, p.12), referenciam Gonzáles, que sugere que o professor deve ter uma formação geral e específica para atuar nas classes hospitalares. Segundo elas,

O autor pontua três características desta “formação”. Uma formação inicial, pois quando o professor começa a sua atuação nas classes hospitalares é necessário aproveitar da experiência anterior desse docente e não partir do zero. Também se faz necessário uma formação continuada, pois vivemos, em realidade, em constante mudança e a formação não deve terminar em momento determinado, deve ser contínua. Por último, uma formação própria, porque é preciso adaptar-se às condições próprias do meio hospitalar ou da criança doente mesmo que sejam os mesmos objetivos ou os mesmos conteúdos que a ação educativa aborde (OLIVEIRA, 2021, p.12)

Sobre a formação inicial, trago a grade curricular do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), para exemplificar a ausência de uma disciplina obrigatória que trate especificamente das classes hospitalares.

Quadro 1: Grade curricular da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG):

| 1º PERÍODO                                   | 2º PERÍODO                                       | 3º PERÍODO                                    | 4º PERÍODO  | 5º PERÍODO   | 6º PERÍODO  | 7º PERÍODO  | 8º PERÍODO                                       |
|--|--|---|---|--|---|---|--|
| 01<br>Introdução à Filosofia<br>60           | 02<br>Fund. Filosóficas da Educação<br>60        | 13<br>Matemática Elementar<br>45              | 14<br>Matemática I na Ed. Inf. e Anos Inic. do Ensino Fundamental<br>60 | 15<br>Matemática II na Ed. Inf. e Anos Inic. do Ensino Fundamental<br>60 | 20<br>Fundamentos da Educação Infantil<br>60                            | 28<br>Arte na Educ. Inf. e Anos Inic. do Ens. Fundamental<br>60         | 33<br>Disciplina da área de aprofundamento<br>60 |
| 03<br>Introdução à Sociologia<br>60          | 04<br>Fund. Sociológicas da Educação<br>60       | 12<br>Didática<br>60                          | 16<br>Avaliação dos Proc. Educacionais<br>45                            | 20<br>Geografia I na Ed. Inf. e Anos Inic. do Ensino Fundamental<br>60   | 21<br>Geografia II na Ed. Inf. e Anos Inic. do Ensino Fundamental<br>60 | 33<br>Ensino de Língua Portuguesa na Educação de Surdos<br>45           | 34<br>Disciplina da área de aprofundamento<br>60 |
| 05<br>Introd. à Psicologia da Educação<br>60 | 06<br>Fund. Psicológicas da Educação I<br>60     | 07<br>Fund. Psicológicas da Educação II<br>60 | 16<br>Ciências I na Ed. Inf. e Anos Inic. do Ensino Fundamental<br>60   | 17<br>Ciências II na Educ. Inf. e Anos Inic. do Ensino Fundamental<br>60 | 40<br>Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)<br>60                        | 30<br>Educação Especial<br>60   | 33<br>Disciplina da área de aprofundamento<br>60 |
| 08<br>Fund. Econômicos da Educação<br>45     | 11<br>Fund. Políticas da Educação<br>30          | 43<br>Política e Gestão Educacionais<br>45    | 22<br>Aquisição e Desenv. da Linguagem<br>60                            | 24<br>Processos de Alfabetização e Letramento<br>60                      | 23<br>Língua Mat. I na Ed. Inf. e Anos Inic. do Ens. Fundamental<br>60  | 38<br>Língua Mat. II na Ed. Inf. e Anos Inic. do Ens. Fundamental<br>60 | 38<br>Disciplina da área de aprofundamento<br>45 |
| 39<br>Leitura e Produção Textual<br>45       | 41<br>Análise e Prod. de Textos Acadêmicos<br>60 | 22<br>Fundamentos Lingüísticos<br>60          | 18<br>História I na Ed. Inf. e Anos Inic. do Ens. Fundamental<br>60     | 19<br>História II na Ed. Inf. e Anos Inic. do Ens. Fundamental<br>60     | 30<br>Literatura Infantil<br>60   |   | 34<br>Trabalho de Conclusão de Curso<br>-        |
| 09<br>Fund. Históricas da Educação I<br>45   | 10<br>Fund. Históricas da Educação II<br>60      | 44<br>Educação de Jovens e Adultos<br>45      | 42<br>Teorias do Currículo<br>45  |  | 27<br>Educação Física na Ed. Inf. e Anos Inic. do Ens. Fundam.<br>30    |   |  |
| 40<br>Cultura e Educação<br>60               | 47<br>Corpo, Brinquedo e Educação<br>45          | 48<br>Introdução à Pesquisa Educacional<br>45 | 46<br>Pesquisa Educacional I<br>45                                      | 31<br>Estágio Supervisionado I<br>60                                     | 31<br>Pesquisa Educacional II<br>45                                     | 32<br>Estágio Supervisionado II<br>180                                  | 33<br>Estágio Supervisionado III<br>180          |
|  |  |   |   | 35<br>Seminário em Educação I<br>45                                      | 36<br>Seminário em Educação II<br>30                                    | 37<br>Seminário em Educação III<br>30                                   | 38<br>Seminário em Educação IV<br>30             |
| 375  | 375  | 375   | 375   | 405  | 405   | 405   | 405  |

Fonte: site da UFCG (<https://portal.ufcg.edu.br>)

Quadro 2: Grade Curricular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB):

| Objeto de Estudo por Períodos Letivos |   |   |   |   |   |  |   |
|---------------------------------------|---|---|---|---|---|--|---|
| Educação e Sociedade                  |   | Educação, Política e Trabalho                 |   | Educação e Prática Docente                          |   |  |   |
| 1º Período<br>390 h                   | 2º Período<br>390 h                           | 3º Período<br>390 h                           | 4º Período<br>390 h                                 | 5º Período<br>390 h                                 | 6º Período<br>330 h                                   | 7º Período<br>330 h                                  | 8º Período<br>330 h                                     |
| Filosofia da Educação I<br>60         | Filosofia da Educação II<br>60                | Política Educacional da Educação Básica<br>60 | Planejamento Educacional<br>60                      | Corpo, Ambiente e Educação<br>60                    |   |  |   |
| História da Educação I<br>60          | História da Educação II<br>60                 | Educação e Trabalho<br>60                     | Avaliação da Aprendizagem<br>60                     | Língua e Literatura<br>60                           | Ensino de Português<br>60                             | Ensino de História<br>60                             | Optativa<br>60  |
| Sociologia da Educação I<br>60        | Sociologia da Educação II<br>60               | Educação e Tecnologias<br>60                  | Didática<br>60                                      | Linguagem e Interação<br>60                         | Ensino de Matemática<br>60                            | Ensino de Geografia<br>60                            | Área de Aprofundamento<br>60                            |
| Psicologia da Educação I<br>60        | Psicologia da Educação II<br>60               | Currículo e Trabalho Pedagógico<br>60         | Optativa<br>60                                      | Ensino de Arte<br>60                                | Ensino de Ciências<br>60                              | TCC<br>60  | Área de Aprofundamento<br>60                            |
| Metodologia Trabalho Científico<br>60 | Fundamentos Epistemológicos da Educação<br>60 | Pesquisa Educacional<br>60                    | Gestão Educacional<br>60                            | Organização e Prática da Educação Infantil<br>60    | Organização e Prática do Ensino Fundamental<br>60     | Educação de Jovens e Adultos<br>60                   | Área de Aprofundamento<br>60                            |
| Economia da Educação<br>60            | Educação e Diversidade Cultural<br>60         | Educação Especial<br>60                       | Estágio Supervisionado I (Gestão Educacional)<br>60 | Estágio Supervisionado II (Educação Infantil)<br>60 | Estágio Supervisionado III (Ensino Fundamental)<br>60 | Estágio Supervisionado IV (Ensino Fundamental)<br>60 | Estágio Supervisionado V (Área de Aprofundamento)<br>60 |
| Seminário Temático I<br>30            | Seminário Temático II<br>30                   | Seminário Temático III<br>30                  | Seminário Temático IV<br>30                         | Seminário Temático V<br>30                          | Seminário Temático VI<br>30                           | Seminário Temático VII<br>30                         | Seminário Temático VIII<br>30                           |

Fonte: site da UFPB ([https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2015115006968e09983915f56990d82b/Resolucao\\_64\\_2006.htm](https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2015115006968e09983915f56990d82b/Resolucao_64_2006.htm))

**Quadro 03:** Grade curricular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB):

| Componentes curriculares por período letivo         |  |                                   |  |   |  |  |  |
|---|--|-----------------------------------|--|---|--|--|--|
| Educação e sociedade                                |  | Educação política e trabalho      |  | Educação e prática docente                              |  |  |  |
| 1º Período  | 2º Período                                       | 3º Período                        | 4º Período   | 5º Período  | 6º Período   | 7º Período                                     | 8º Período   |
| Filosofia da educação<br>60                         | Epistemologia da pedagogia<br>45                 | Prática pedagógica III<br>60      | Pesquisa em educação I<br>60                                   | Fundamentos metodológicos do ensino de história<br>60   | Fundamentos metodológicos do ensino de geografia<br>60 | Estágio supervisionado<br>105                  | TCC II (Trabalho de conclusão de curso II)<br>60           |
| História da educação I<br>45                        | História da educação II<br>45                    | Educação escolar do campo<br>60   | Prática pedagógica IV<br>60                                    | Pesquisa em educação II<br>60                           | Arte educação<br>60                                    | TCC I (Trabalho de conclusão de curso I)<br>60 | Educação a distância<br>60                                 |
| Sociologia da educação<br>60                        | Prática pedagógica II educacional<br>60          | Política educacional<br>45        | Educação matemática<br>45                                      | Fundamentos metodológicos do ensino de ciências<br>60   | Estágio supervisionado<br>105                          | Libras<br>60                                   | Educação ambiental<br>45                                   |
| Metodologia científica<br>45                        | Educação corporeidade e gênero sexualidade<br>60 | Estatística educacional<br>45     | Fundamentos metodológicos do ensino da língua portuguesa<br>60 | Fundamentos metodológicos do ensino de matemática<br>60 | Currículo<br>60  | Eletiva<br>45                                  | Eletiva<br>45  |
| Prática pedagógica I<br>60                          | Psicologia da educação<br>45                     | Educação especial inclusiva<br>60 | Educação da cidadania<br>45                                    | Educação afrodescendência<br>45                         | Educação trabalho<br>60                                | Componente I da área de aprofundamento<br>60   | Estágio supervisionado III (Área de aprofundamento)<br>105 |
| Tópicos especiais I<br>30                           | Tecnologias na educação<br>60                    | Educação popular<br>45            | Fundamentos da educação infantil<br>45                         | Educação escolar indígena<br>45                         |  | Educação direitos humanos<br>60                | Componente III da área de aprofundamento<br>60             |
| Psicologia do desenvolvimento da aprendizagem<br>60 | Leitura produção de textos<br>45                 | Avaliação da aprendizagem<br>45   | Seminário temático<br>30                                       | Didática<br>60  |  | Componente II da área de aprofundamento<br>60  |  |
|   | Antropologia da educação<br>45                   |                                   |  |   |  |  |  |

Fonte: site da UEPB (<https://sistemas.upeb.edu.br>)

Embora não exista uma disciplina voltada especificamente para as Classes hospitalares, nota-se, nas grades acima, a disciplina de educação especial, que na maioria das vezes é responsável por apresentar a classe hospitalar aos graduandos.

A educação especial fornece a classe hospitalar reflexões sobre inclusão e exclusão, a importância das adaptações curriculares e necessidades da criança enferma, o caráter reflexivo da formação e atuação do professor. Todos esses aspectos são extremamente importantes e se tornaram princípios norteadores da prática pedagógica em hospitais. (ROGACIANO, 2007, p. 23)

Apesar da inexistência de uma disciplina obrigatória, mais adiante, no capítulo 3, veremos que duas dessas universidades trabalham com a temática classes hospitalares por meio de projetos de extensão.

É válido lembrar que assim como na escola, as classes hospitalares possuem especificidades, cabe então ao professor atuante adaptar a sua prática a realidade a qual ele está inserido. Rogaciano (2007, p. 24) reafirma essa ideia:

A prática do professor no hospital se difere em muito da desenvolvida na escola. Para atuar no hospital o professor precisa possuir competências sobre os processos de ensino e aprendizagem, sobre currículo, avaliação, metodologia de ensino, didática, organização dos sistemas de ensino e outras competências pedagógicas, que ele adquire nos atuais cursos de Pedagogia, ou Licenciatura. Mas toda esta práxis pedagógica precisa ser adaptada para o espaço hospitalar e é nesta transposição que reside um dos principais desafios (ROGACIANO, 2007, p. 24)

Rogaciano (2007, p.23) ressalta a proposta de currículo formulada por Caiado (2003) para cursos de formação de professores, segundo ele, tal currículo teria a seguinte estrutura: Introdução ao ambiente hospitalar; Dor e Perdas; O cotidiano do professor no hospital; Metodologia do trabalho pedagógico em ambiente hospitalar; Prática de ensino do trabalho pedagógico no hospital (ROGACIANO, 2007, p.23)

Essa proposta só seria viável no âmbito de uma disciplina exclusiva para a área ou um curso de extensão. No interior de outra disciplina, como a de Educação Especial, a temática Classe Hospitalar é abordada de forma rápida e superficial, devido aos outros assuntos que a disciplina deve abordar.

## CAPÍTULO 3

### APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente a ideia da pesquisa era realizar um levantamento a respeito da formação, da atuação e dos desafios dos pedagogos que atuam nas classes hospitalares de todo o Brasil. Esse levantamento ocorreria por meio de um formulário, via Google Forms, fazendo uso do método bola de neve, onde enviaríamos o formulário para pedagogos/professores do nosso conhecimento, e solicitaríamos que eles enviassem esse formulário para outros pedagogos/professores hospitalares do seu conhecimento, e solicitassem que eles reenviassem para outros também.

A escassez de profissionais da área, bem como o tempo de conclusão do trabalho, dificultou a realização da ideia inicial, sendo assim, tivemos que fazer uso de outro método pra a realização da pesquisa. Optamos pela entrevista, e demos continuidade também com a ideia do formulário, procurando se adaptar ao tempo do entrevistado.

O presente trabalho contou com a participação de três mulheres envolvidas com as salas hospitalares nos Estados da Paraíba e do Pernambuco. A primeira, que chamaremos de Entrevistada 1, reside e atua em Recife-PE, possui magistério, é formada em serviço social, tem especialização em psicopedagogia, pedagogia hospitalar e em educação especial inclusiva. Possui também um curso de aprofundamento em pedagogia hospitalar, feito no Chile, e outro no Brasil, pelo MEC, além de mestrado em educação. A mesma atua em classes hospitalares desde de 2014.

A segunda entrevistada, que será chamada de Entrevistada 2, reside e atua em João Pessoa-PB, é formada em Psicologia e Pedagogia, tem mestrado, doutorado e pós doutorado em psicologia da educação; além de especialização em educação inclusiva, psicomotricidade, fonoaudiologia. Ela possui também livros publicados na área de classe hospitalar, que inclusive foi usado em concurso público da marinha.

A terceira entrevistada, que será chamada de Entrevistada 3, reside e atua em Cajazeiras-PB, é formada em pedagogia e atualmente atua, em uma unidade de saúde, ela atua como pedagoga hospitalar, gestora das atividades educativas da equipe multiprofissional, preceptora e supervisora dos projetos de extensão voltados para a formação do pedagogo hospitalar, coordenadora da brinquedoteca da instituição e responsável por elaborar cursos de formação para o profissional de educação que deseja atuar na classe hospitalar.

A partir desse momento, discorreremos sobre os dados de cada entrevista, os quais serão apresentados de forma separada.

### **3.1 Entrevistada 1**

A Entrevistada 1, atua a quase 10 anos em classe hospitalar, junto com outras professoras. Quando foi questionada sobre como conheceu as Classes Hospitalares, ela relatou que em 2005 recebeu um convite da diretora da escola, na qual ela trabalhava para fazer um projeto para trabalhar em uma classe hospitalar. Ela, a diretora, a vice diretora e a coordenadora pedagógica, se reuniram, pesquisaram e fizeram leitura sobre a área, mas o projeto não teve êxito. Anos mais tarde ela recebeu um convite para trabalhar em uma classe hospitalar, convite feito por uma das envolvidas no primeiro projeto, que, na ocasião, ocupava um lugar de gerência na secretaria de educação da cidade.

Iniciar uma classe hospitalar não é algo fácil, e isso ficou evidente no relato da entrevistada. Segundo ela, foi necessário conhecer o hospital, a sua dinâmica, conhecer o perfil dos alunos e as doenças que os acometiam. Ela ressaltou a importância da organização e do planejamento, para o desenvolvimento desse trabalho nas classes hospitalares, indo ao encontro das palavras de Fonseca, para quem:

Ter um bom conhecimento da rotina do hospital facilita tanto o trabalho da escola hospitalar como um todo quanto o planejamento de professor. Sabendo como o hospital funciona, pode-se adentrar nele e, menos conflitantemente, encontrar os espaços para uma efetiva atuação pedagógico-educacional com as crianças hospitalizadas. (FONSECA, 2008, p.45)

Segundo a entrevistada, além da parte pedagógica o professor deve entender sobre a gerencia das classes hospitalares, já que há necessidade, do professor que

atua nesses espaços, envie relatórios regulares, sobre as atividades e o desenvolvimento dos alunos para a escola de origem e para a secretaria de educação da cidade, que nesse caso é a idealizadora desse projeto.

Quando questionada sobre a carga horaria do professor hospitalar, a Entrevistada 1 respondeu que é o mesmo horário dos professores das escolas, 4h pela manhã e 4h no turno da tarde, de segunda a sexta, seguindo o calendário escolar. O que se difere das escolas regulares é a rotina, pois, no atendimento educacional hospitalar não há intervalos ou recreio, sendo concedido uma hora para cada criança, pois a classe hospitalar trabalha com diferentes faixas etárias em diferentes níveis de aprendizado e condições.

O atendimento psicológico para os professores das classes hospitalares foi tema de uma das perguntas feitas para a Entrevistada 1, a pergunta foi: No ambiente de trabalho o professor/pedagogo hospitalar tem acesso a um atendimento psicológico? Ela respondeu com base na realidade dela. Relatou que não tem acesso a um atendimento psicológico no local de trabalho, mas que procurou, por conta própria. Quando questionada se ela achava importante esse atendimento, ela respondeu que sim, e ressaltou a importância do autocuidado. *“Quando a agente trabalha com câncer, com a questão do óbito, a questão das intercorrências, então você precisa se preparar, se reestruturar, pra se organizar para cada vez que acontece (Entrevistada 1)”*.

O atendimento psicológico nas escolas hoje é algo comum, mas o olhar sempre foi voltado para o alunado, deixando de lado a necessidade do professor em receber esse atendimento. A partir do relato da Entrevistada 1, percebemos o quanto o trabalho do professor pode ser desgastante para o mesmo, e isso não é algo específico do ambiente hospitalar, se aplica também para as salas de aulas das escolas regulares.

Sobre os saberes necessários para atuar na área a entrevistada respondeu: *“Tem que ter todos os saberes juntos, saberes da docência da experiência e mais os saberes específicos (Entrevistada 1)”*. Os saberes específicos são adquiridos a partir da atuação do professor no ambiente, a Entrevistada 1, afirma que: *“Com a ausência*

*de classes os saberes específicos são adquiridos por meio de experiência (Entrevista 1)*”.

Reis (2021) compartilha do mesmo pensamento da Entrevistada 1, ao exaltar a importância dos saberes específicos para que o professor ofereça um ensino de qualidade aos alunos que se encontram internados. Segundo ela “a rotina nesse ambiente é totalmente diferente da rede regular de ensino e esses saberes vão sendo construídos pelo professor durante o exercício da sua função” (REIS, 2021, p.93)

O hospital é um lugar dinâmico onde a rotina traz particularidades, por isso, além da formação inicial e continuada contribuir para a construção de saberes, a prática pedagógica na Classe Hospitalar faz o professor compreender a dinâmica presente não só no ambiente, mas também na sua atuação, possibilitando esse profissional refletir sobre a sua ação profissional e a lidar, enfrentar e solucionar situações novas (REIS, 2021, p.96)

Essa fala ressalta a importância da temática Classes Hospitalares ter mais visibilidade social. Pois com essa visibilidade haverá mais mobilização em criar Classes Hospitalares em unidades de tratamento de câncer e doenças infectocontagiosas, haverá mais preocupação em preparar profissionais para atuarem na área, e mais pesquisas.

Como já mencionado, alguns autores e documentos afirmam que o pedagogo está apto para trabalhar em uma Classes Hospitalares. Quando a Entrevistada 1 foi questionada se ela acha que o pedagogo, ao sair da graduação está apto pra atuar em uma classe hospitalar, sua resposta foi: “*O pedagogo está apto para trabalhar nas classes hospitalares, mas aí falta elemento para trabalhar nessa área, por que ele não conhece essa área. Vai precisar de um tempo experienciando para saber (Entrevistada 1)*”.

Silva (2019, p. 15) utiliza do pensamento de Mutti (2016) e afirma: “alguns professores começam a trabalhar com total despreparo para exercer a função, pois este tipo de trabalho não requer somente a formação acadêmica, mas habilidades específicas de uma práxis pedagógica complexa que envolve diferentes aspectos no trabalho cotidiano” (SILVA, 2019, p.15)

A presença da temática na sala de aula de um curso de licenciatura junto a um estágio na área pode facilitar a atuação do profissional de educação nas classes hospitalares, mesmo tendo apenas a licenciatura. O pedagogo, em sua formação inicial é preparado para atuar em diferentes áreas, é importante que o curso ofereça essa opção de estagiar em algum âmbito que não seja o escolar, para que ele adapte o conhecimento adquirido durante a formação, na perspectiva de atuação em outros espaços educativos.

Quando questionada sobre os desafios da área, a Entrevistada 1 respondeu: *“São muitos, se adaptar, compreender aquele ambiente, ser uma pessoa resiliente, que não tenha dificuldade com mudanças (Entrevistada 1)”*. Sobre a questão da mudança, a Entrevistada 1, coloca como exemplo a mudança de alunos, seja por alta ou morte, e o planejamento, que deve ser flexível e se adaptar a condição do aluno a cada dia.

Ela cita outro desafio que é lidar com as emoções, porque o professor hospitalar acompanha alunos com diferentes patologias, que em um dia podem estar bem, e no outro não, que podem ter alta e voltar para sua escola de origem a qualquer momento, ou ter uma complicação no quadro e falecer. Além de trabalhar com a criança, a Entrevistada 1 ressalta também o trabalho de acolhimento da família, que deve ser feito pelo professor. O professor hospitalar não pode tomar para si as dores e os problemas dos seus alunos. A entrevistada exalta o conselho de uma amiga sua:

*Se organize, porque essa dor não é sua, se você toma essa dor para você, você não vai conseguir dar aula para nenhuma criança, você não vai conseguir ser professora. (Entrevistada 1)*

É importante que o professor acolha a dor, presente no ambiente, no sentido de entende-la, respeita-la e significa-la. Um professor que apenas toma pra si a dor do aluno, não é capaz de ajudá-lo, ele acaba adoecendo junto com o aluno. É importante mostrar o lado positivo de tudo.

### 3.2 Entrevistada 2

Questionada sobre como conheceu as classes hospitalares, a entrevistada 2, respondeu:

*Fui fazer doutorado em São Paulo, na PUC, e aí lá eu conheci Tamara, que era uma professora do Rio Grande do Sul, de Santa Maria, e ela disse ter tido uma experiência em classe hospitalar, e após conversar eu me interessei, ela me deu uns livros para ler. (Entrevistada 2)*

Depois desse encontro ela contou que começou a pensar em um projeto de extensão “Experiência pedagógica no ambiente Hospitalar”, ao retornar para a Paraíba, ela deu início ao seu projeto pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O projeto já dura 20 anos. Como professora hospitalar a Entrevistada 2, atuou por pouco tempo, segundo ela, seu trabalho nas classes hospitalares se concentrou mais na parte de coordenação e planejamento dos trabalhos realizados nesses espaços.

Sobre a formação inicial, foi questionado se ela julgava necessário a existência de uma disciplina obrigatória ou eletiva voltada para a classe hospitalar, nos cursos de Pedagogia/Licenciatura. Sua resposta foi: *Na verdade, eu acho que a gente poderia ter uma disciplina obrigatória (Entrevistada 2)*. A partir dessa fala, a Entrevistada 2 levanta uma reflexão sobre a grande taxa de evasão escolar por motivo de doença e a ausência de profissionais de educação para atender a esse grupo. Ela cita uma situação:

*Em 2019, eu acho, eu fui procurada na universidade por um casal que tinha tido notícia do projeto da gente no HU, e me procurou pra ver se eu deslocava uma das minhas alunas para o hospital de trauma de João Pessoa, porque tinha um criança politraumatizada, que entrou no hospital com 4 anos de idade, tinha sofrido um atropelamento, e ela não tinha mais condição de sair do hospital, ela não sobrevive se não ligada a aqueles aparelhos, já fazia 6 anos que aquela criança estava lá e não tinha atendimento nenhum, eu fui lá visitar essa criança, com esse casal que me procurou e agente deslocou uma das minhas alunas voluntárias, e ela começou a fazer o atendimento dele, na Unidade de Terapia Intensiva de pediatria, mas era uma coisa tão difícil, por que o menino era todo ligado a aparelhos, e ele não podia falar porque tinha o aparelho de oxigênio, ele não podia escrever porque uma mão era no soro e a outra não sei aonde. (Entrevistada 2).*

Foi preciso que a Entrevistada 2 e a sua aluna fizessem pesquisas para organizar a melhor forma de trabalhar com essa criança. Percebemos o quanto é

importante que o professor seja pesquisador, e não se acomode com a situação. Como afirma Tinée e Ataíde (2012, p. 5, apud FONTES, 2005, p. 26 e 27b)

(...) o professor precisa também ser um pesquisador em sua área, ou seja, ele precisa estar constantemente pensando, refletindo, investigando, produzindo conceitos. Ele precisa, ainda, estar envolvido nas questões de saúde, como verificar prontuário médico, pesquisar sobre as enfermidades que acometem seus alunos, para que assim possa explicar para a criança sobre a nova rotina que ele terá que seguir, além de poder auxiliar os pais nas possíveis dúvidas sobre o tratamento de seus filhos.

A Entrevistada fala também sobre a brinquedoteca, segundo ela:

*Brinquedoteca não é resgate de educação, brinquedoteca não vai ensinar, português matemática, geografia, história, ciências, não vai mostrar o mundo a criança. Brinquedoteca é uma maravilha para ocupar, para distrair, para jogar, para fazer o lado lúdico, mas para aprender, para ter escolarização tem que ter a experiência pedagógica com um de vocês (Entrevistada 2)*

A presença da brinquedoteca nos hospitais é indispensável, porém a mesma não substitui as classes hospitalares. Contudo é possível abordar conteúdo das disciplinas bases da educação com brinquedos e brincadeiras. O brinquedo e a brincadeira quando usado por um profissional da educação criativo, pode ser uma grande aliada no ensino de disciplinas da base curricular, como as citadas pela Entrevistada 2. Souza e Baião (2022) exemplificam o uso de jogos e brincadeiras no ensino de Língua Portuguesa, mais precisamente a parte de ortografia. "A atividade constituiu na adaptação de um jogo tradicional (*Imitatrix*, da Estrela) para um jogo que focasse nas dificuldades ortográficas específicas (p. 3)

Segundo as autoras, o jogo teve grande aceitabilidade dos alunos, que ainda sugeriram novas adaptações e mais atividades como a que foi desenvolvida, ficando evidente que para o alunado aprender de forma lúdica e divertida é melhor do que aprender com os métodos tradicionais.

Sobre os saberes necessários para atuar das classes hospitalares, a Entrevistada 2 cita a psicologia de desenvolvimento, a psicomotricidade, linguagem, contação de história, muita prática e um querer muito grande. A Entrevistada 2, cita também um saber que ela julga ser o mais importante: *O saber principal é a ética, o que se passa na sala de aula de um hospital, fica na sala de aula de um hospital (Entrevistada 2)*. Para ela, esse saber é importante porque o pedagogo/professor hospitalar tem acesso a todo o prontuário dos alunos.

Quando questionada sobre o atendimento psicológico, se a Entrevistada 2 julgava importante ela respondeu: *Eu nunca achei que alguma aluna minha precisasse, eu sou muito atenta a isso (Entrevistada 2)*. Ela ainda completa afirmando que a classe hospitalar é um ambiente que você não pode levar problemas. Ela relata que as suas alunas se sentem muito bem ao atuar na classe hospitalar. Com base no convívio e conversas com as suas alunas, a Entrevistada 2 afirma: *“minhas alunas as vezes saem de casa muito chateadas, mas que quando veem um aluno arrastando soro pra assistir aula, elas esquecem do problema (Entrevistada 2)”*.

Mas cabe ressaltar que o seu grupo de pedagogos/professores da Entrevistada 2, só está presente na sala de aula 3 vezes na semana, apenas 1 hora e meia por dia e trabalham apenas com crianças com doenças não infecciosas. Diferente da Entrevistada 1, que trabalha 8h por dia, de segunda a sexta com crianças com todo tipo de doença. Com isso, o acompanhamento psicológico para profissionais de educação que atuam nas classes hospitalares, surge como algo mais necessário para alguns, por conta de fatores diversos, como por exemplo: a própria estrutura psíquica professor; as condições e relações de trabalho; o hospital no qual a classe se encontra e também o perfil das crianças atendidas. Há situações que podem proporcionar um desgaste mental maior para os profissionais demandando que os mesmos cuidem da sua saúde mental, inclusive para poderem atuar com mais efetividade.

Sobre os desafios da área a entrevistada cita a falta de apoio, ela comenta que o seu projeto de extensão só está dando certo porque trata-se de um projeto institucional. Tudo o que ela precisa, em relação a material, ela pega no centro de educação. *“(...) um projeto que não tem esse apoio é difícil de se manter porque tem a questão do material, que não pode ser reutilizado (...) a gente leva papel, usou? Bom. Não usou? A gente joga fora. Devido a contaminação (Entrevistada 2)”*. Ela destaca que esse descarte não é feito na frente dos alunos.

### 3.3 Entrevista 3

Foi disponibilizado por meio de um formulário via google forms algumas perguntas para a Entrevistada 3, que em virtude do seu tempo preferiu responder apenas algumas perguntas do formulário por meio de áudio.

A Entrevistada 3, afirma que não atua propriamente em uma classe hospitalar, pois a classe hospitalar não é instituída no hospital, que por sua vez, não possui internação a longo prazo. Ela atua como pedagoga hospitalar na área assistencial. Segundo ela, sua contratação se deu em virtude da necessidade do hospital que inicialmente era apenas pediátrico.

Sobre a sua atuação no hospital, ela relatou:

*Minha atuação aqui é gigante, é vasta, porque como é um profissional para o hospital todo, termina que o meu atendimento ele é mais voltado para o público infantil, mas isso não quer dizer que eu não desempenhe outras funções que adentrem outros setores adultos, por exemplo, eu sou gestora das atividades educativas da equipe multiprofissional (Entrevistada 3).*

Ela ainda afirma que:

*O pedagogo adentra em outros setores, por que ele atua no comitê de humanização (Entrevistada 3)*

Ela trabalha 40h semanais, apenas durante o dia. Coordenadora da brinquedoteca, ela destaca a importância da organização e da própria brinquedoteca. Ela relata que passa nos quartos, corredores, onde houver criança, convidando as mesmas e o familiar que está lhe acompanhando, para ir para a brinquedoteca. A Entrevistada 3 fala que sempre é válido explicar para família e para a criança a importância da brinquedoteca.

Além do que já foi citado, a entrevistada atua como preceptora e supervisora de um projeto de extensão da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) que leva estudantes de pedagogia, durante as férias para o hospital, onde lhes é apresentado o trabalho do pedagogo hospitalar. Esse projeto é de suma importância para a formação do pedagogo, pois ao conhecer a área o mesmo pode sentir o desejo de atuar naquele ambiente. A entrevistada também trabalha com cursos de capacitação para profissionais de educação que desejam trabalhar na área hospitalar.

A entrevistada fala também sobre a importância da anamnese pedagógica, que a princípio era algo totalmente voltado para os profissionais de saúde.

*Todos os profissionais que atuam aqui dentro na assistência eles fazem a sua anamnese, a minha é pedagógica, mais voltada pra o ensino, para aprendizagem da criança, saber como esse ensino tá, como esse aprendizado esta, se a criança tem alguma limitação, algum transtorno, por que o pedagogo também identificando uma demanda dessa natureza ele pode também encaminhar a criança para outros profissionais (Entrevistada 3)*

Anamnese refere-se a uma entrevista feita por um médico, com a finalidade de entender os sintomas do paciente e chegar a um diagnóstico. No caso da pedagogia, essa anamnese tem a finalidade de entender o que o aluno já sabe, quais são as suas dificuldades e limitações. Ela destaca a importância de entender a doença que acomete a criança, por meio dos prontuários, e de estar a par do quadro de saúde da criança diariamente. Ela relata que todos os dias deve ser feito um relatório da criança, sobre o seu desenvolvimento e anexar ao prontuário da mesma.

Sobre os desafios a Entrevistada 3 fala: *São muitos desafios a começar pela escassez do profissional de educação atuando na área hospitalar (Entrevistada 3)*. Ela ainda fala do período que cursava pedagogia: *“na minha época a gente via a pedagogia hospitalar mais dentro da educação inclusiva em uma disciplina que falava nos vários tipos de educação, entre elas a educação hospitalar, a gente via um pouco da pedagogia hospitalar (Entrevistada 3)*. Ela ainda continua sua fala exaltando a necessidade de uma disciplina exclusiva sobre a pedagogia hospitalar: *“eu acredito que deveria existir uma disciplina que se trata exclusivamente da pedagogia hospitalar justamente para incentivar a atuação desse profissional no ambiente hospitalar (Entrevistada 3)”*.

A entrevistada cita outro desafio da área: *“Outra dificuldade é a falta de investimento em brinquedos, em recursos lúdicos, na estrutura física do ambiente para proporcionar um acolhimento a criança (Entrevistada 3)”*. Um ambiente propício para o atendimento pedagógico da criança, além de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem da criança, vai auxiliar o trabalho do profissional de educação. Ela relata a dificuldade no início do trabalho como pedagoga na unidade de saúde que ela está atualmente.

Ela ainda cita mais uma dificuldade enfrentada no início do seu trabalho na unidade hospitalar. Ela afirma que não possuía uma sala própria e quando questionava a chefia, a resposta era: *“não, mas você é da assistência, a gente já consultou, os profissionais de assistência não têm sala (Entrevistada 3)”*. A entrevistada continuou insistindo, argumentando que precisa de um espaço para confeccionar brinquedos, recursos lúdicos, etc. E conseguiu a sua sala. Segundo ela: *“A dificuldade também é justamente do próprio Hospital, da própria cultura organizacional do hospital (Entrevistada 3)”*.

### **3.4 Síntese das entrevistas**

A partir das falas das entrevistadas, concluiu-se que a abordagem da temática Classes Hospitalares nos cursos de formação de professores é benéfica, tendo em vista que essa abordagem vai proporcionar um conhecimento prévio sobre a área, que poderá ser aprofundado mais adiante com uma formação continuada.

A ausência dessa temática como uma disciplina obrigatória nas grades curriculares dos cursos de formação de pedagogos e professores, faz com que os professores pensem em outro meio de abordá-la dentro curso, sendo a opção mais viável os cursos de extensão, que, inclusive, são citados pelas Entrevistadas 2 e 3.

Sobre a atuação, percebe-se que muito se assemelha com as escolas regulares, ambas carregam especificidade, exigindo do professor uma formação continuada para atender com qualidade as crianças. A diferença gritante entre elas, é que nas classes hospitalares o professor deve ter o controle de emoções, pra manter a sua saúde mental. Segundo Matos (2010, p. 46)

O professor, para atuar em ambiente hospitalar, deve apresentar ampla experiência pedagógica, flexibilidade de trabalho, que irão completar seu perfil para o ambiente hospitalar, deparando-se com mudanças diárias nas enfermarias em que crianças internadas saem de alta ou entram óbito. Diariamente ao chegar às unidades de internação pediátricas cirúrgicas, oncológicas, deverá estar preparado para avaliar em curto prazo e ofertar conteúdos dirigidos, a idade, ambiente, condições físicas e psicológicas, contaminação e, sobretudo, o tempo de aprendizagem de cada indivíduo (MATOS, 2010, p.46).

Ressaltamos também a importância do apoio psicológico para profissionais de educação que atuam no ambiente hospitalar, no relato da Entrevistada 2, percebemos o quanto isso se faz necessário. Esse atendimento também se faz

necessário nas escolas regulares, devido as problemáticas a qual o os professores estão expostos.

Os desafios da área se apresentam de diferentes formas durante as três falas. A Entrevistada 1 destaca desafios que se ligam ao perfil do professor de classes hospitalares. O professor deve ser de fácil adaptação, estar pronto para mudanças, saber lidar com as emoções, ressignificar tudo que acontece no hospital e conhecer muito bem o ambiente. A Entrevista 2 cita a falta de apoio financeiro como sendo o principal desafio da área. Desafio que poderia ser sendo se as secretarias de educação reconhecessem importância dessa área de ensino. A Entrevistada 3 compartilha do mesmo pensamento que o da Entrevista 2 e acrescenta a falta de reconhecimento da equipe medica, que ocorre devido à falta de visibilidade da área.

Os saberes, nas três falas diferenciam-se, acreditamos que isso ocorre em virtude das diferentes realidades a qual as pedagogas estão expostas, a começar pela condição do aluno. Os saberes citados, na maioria das vezes são obtidos por meio de experiencias ou formação continuada. Os saberes vindos da experiência tanto podem ser obtidos no âmbito do trabalho como durante a licenciatura, por meio de estágios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como tema as classes hospitalares, que são ambientes destinados ao atendimento educacional de crianças e jovens que estão internados, para tratamento de alguma enfermidade. O mesmo buscou também apresentar como ocorre a formação e a atuação do pedagogo e do professor no ambiente hospitalar e os desafios da área, com a finalidade de dar mais visibilidade para a temática, na perspectiva de fomentar o interesse pela temática.

Para analisar o processo formativo e o trabalho dos professores e pedagogos(as) que atuam nas classes hospitalares, no Brasil, definiu-se quatro objetivos específicos. O primeiro, objetivou identificar o perfil dos professores e pedagogos que atuam nas classes hospitalares. O segundo, descrever como ocorre o processo formativo desses profissionais. O terceiro, objetivou identificar os impasses na formação dos professores e pedagogos hospitalares. E por fim o quarto, apresentar as diversas dimensões do trabalho desses profissionais.

A partir disso, verificou-se que a presença de professores e pedagogos em hospitais é de suma importância, tendo em vista que os mesmos, além de garantirem o direito a educação de crianças e adolescentes hospitalizados, contribuem com a melhoria da saúde desses sujeitos. As atividades realizadas por esses profissionais são carregadas de especificidades, assim como o trabalho nas escolas regulares, uma vez que atuar no âmbito do hospital e das salas hospitalares exige que o professor e pedagogo sejam pesquisadores e deem continuidade a sua formação para oferecer uma educação de qualidade para crianças e adolescentes hospitalizados.

A formação desses profissionais inicia-se obviamente na graduação e continua na formação continuada. Na formação inicial percebemos que na grade curricular a temática classes hospitalares não recebe a atenção que merece, contudo, a existência de projetos de extensão voltados para essa temática colabora com a visibilidade e valorização da área, além de permitir que os graduandos tenham contato com a área bem antes de se formar.

Chamamos a atenção para a importância da inserção da temática nos cursos de licenciatura, sobretudo no curso de Pedagogia, a presença mais acentuada da temática classes hospitalares nos cursos de formação de professores e pedagogos, seja através de um componente curricular específico, seja mediante oportunidade de extensão, estágio etc., pois só assim boa parte dos desafios da área serão sanados, como a falta de visibilidade, de reconhecimento, de profissionais, dentre outros.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Daniela Patti; SILVA, Maria Teresinha Pereira. **Formação e Prática Pedagógica em Classes Hospitalares: Respeitando a cidadania de criança e jovens enfermos.** 2008. Disponível em: <http://www.malhatlantica./ecae-cm/daniela.htm> Acesso em: 28 de novembro de 2022

ARAÚJO, Kathy Souza Xavier de; RODRIGUES, Janine Marta Coelho. Pedagogia hospitalar no Brasil: breve histórico do século XX aos dias atuais. Políticas Educativas, Paraná, v.14, n.1, p.140-148, 2020.

BRASIL. Lei nº 4.024. 20 de dezembro de 1961. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L4024.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4024.htm) Acesso em: 8 de agosto de 2022

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) . Acesso em: 8 de agosto de 2022

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) Acesso em: 10 de agosto de 2022

BRASIL. Lei nº 8.069. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). 13 de julho de 1990. Disponível em; [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm) Acesso em: 20 de junho de 2022

BRASIL. Lei nº 13.716. 25 de outubro de 2018. Disponível em: [https://planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm](https://planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm) Acesso em: 20 de junho de 2022

BRASIL. Decreto 10.502. 30 de setembro de 2020. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2019-2022/2020/Decreto/D10502.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2019-2022/2020/Decreto/D10502.htm) Acesso em: 20 de junho de 2022

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 2. 11 de setembro de 2001. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf> Acesso em: 20 de junho de 2022

BRASIL. Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. Dezembro de 2002. Disponível em: <https://bds.unb.br/handle/123456789/125> Acesso em: 20 de novembro de 2022

BRASIL. Lei nº 8.064. 4 de julho de 1990. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128076/lei-8064-90> Acesso em: 29 de junho de 2022

BRASIL. Plano Nacional de Educação Especial. Setembro de 2020. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2019-2022/2020/Decreto/D10502.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2019-2022/2020/Decreto/D10502.htm) Acesso em: 15 de outubro de 2022

CASTRO, Marleisa Zanella de. Escolarização hospitalar: desafios e perspectivas. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira et al (Org.). Escolarização Hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. Cap. 2, p. 35 - 51.

ESTEVES, Cláudia R. Pedagogia Hospitalar: um breve histórico. 2008. Disponível em: <https://fce.edu.br/blog/pedagogia-hospitalar-um-breve-historico/#:~:text=Muito%20se%20tem%20falado%20sobre,em%20harmonia%20com%20a%20vida> . Acesso em: 15 de agosto de 2022

FONSECA, Eneida Simões. Atendimento escolar no ambiente hospitalar. ed. 2. São Paulo: Memnon, 2008

FONSECA, Eneida Simões. **A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar.** Educação e pesquisa, São Paulo, v.25, n.1, p.117-129, jan./jun. 1999

GOLÇALVES, Adriana Garcia; PACHECO, Mirta Cristina Pereira; OLIVEIRA, Tyara Carvalho de. **Saberes e práticas docentes no ambiente hospitalar e domiciliar.** Editora de Castro. 1º ed. São Paulo – 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 12 vol. Cortez Editora. São Paulo, 2010.

MACEDO, Maria Aparecida Rodrigues de. Pedagogia Hospitalar: Qual a formação específica do pedagogo para a sua atuação na área da pedagogia hospitalar. Universidade estadual de Londrina. Londrina-PR. 2009.

OLIVEIRA, Tyara Carvalho. **História da classe/escola hospitalar: no Brasil e no mundo.** CEDUCE, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/11221> Acesso em: 15 de julho de 2022

ORTIZ, Leodi Conceição e FREITAS, Soraia Napoleão. Classe hospitalar: um olhar sobre sua práxis educacional. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília-DF, v.82, n.200/201/202, p.70-77, 2001.

PIERIN, Eliana Silveira; QUADROS, Sheila Fabiana de. A pedagogia hospitalar e os desafios da atuação: a classe hospitalar. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=a+Pedagogia+hospitalar+e+os+desafios+da+atua%C3%A7%C3%A3o%3A+a+classe+hospitalar+&btnG=#d=gs\\_qabs&t=1667271300503&u=%23p%3DaTMwcQJAQIUJ](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=a+Pedagogia+hospitalar+e+os+desafios+da+atua%C3%A7%C3%A3o%3A+a+classe+hospitalar+&btnG=#d=gs_qabs&t=1667271300503&u=%23p%3DaTMwcQJAQIUJ) Acesso em; 15 de agosto de 2022

REIS, Luciana Vaz dos. **O saber docente na Classe Hospitalar: considerações a partir de um estudo de caso.** Saberes e práticas docentes no ambiente hospitalar e domiciliar. 1º ed. Editora de Castro. 91- 102. São Paulo, 2021.

ROGACIANO, Camila Caroline Café. **Formação de professores para a classe hospitalar: A experiência da secretaria municipal de educação de Salvador.** UFBA (Universidade Federal da Bahia). Salvador, 2007. Disponível em: <https://www.cerelepe.feced.ufba.br> Acesso em: 22 de novembro de 2022

ROTAVA, Bruna Cristina. O trabalho educacional nos hospitais na formação do pedagogo. UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul). Chapecó, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1412/1/ROTAVA.pdf> Acesso em: 16 de novembro de 2022

SANDRONI, Giuseppina Antonia. Classe Hospitalar: a importância do acompanhamento pedagógico para crianças e adolescentes. UFSCar. São Paulo, 2011.

SILVA, Renata Prudencio da. **Medicina, educação e psiquiatria para a infância: o Pavilhão-Escola Bourneville no início do século XX.** Rev. Latonoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 12, n.1, p. 195- 208, março 2009.

SILVA, Samylle Ribeiro Pereira. **Concepções e práticas pedagógicas em classe hospitalar.** UFAL (Universidade Federal de Alagoas). Maceió, 2019.

SOUZA, Greice Kelly Oliveira de.; MARTINS, Maria Margarete B. **A brinquedoteca hospitalar e a recuperação de crianças internadas: uma revisão bibliográfica.** Revista Saúde e Pesquisa, n 6, n.1, p. 123-130, jan./abr. 2013

TINÉE, Carolina Alves; ATAIDE, Sandra Patrícia. A atuação do pedagogo em classes hospitalares. Editora Paradigma, 2012. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=a+atua%C3%A7%C3%A3o+do+pedagogo+em+classes+Hospitalares+&btnG=#d=gs\\_qabs&t=1667339327347&u=%23p%3D\\_Gia2qqAP-kJ](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=a+atua%C3%A7%C3%A3o+do+pedagogo+em+classes+Hospitalares+&btnG=#d=gs_qabs&t=1667339327347&u=%23p%3D_Gia2qqAP-kJ) Acesso em: 20 de novembro de 2022

ZARDO, Sinara Pollom; FREITAS, Soraia Napoleão. **Educação em classes hospitalares: transformando ações e concepções à luz da teoria da complexidade.** Educar; Curitiba, n.30. p. 185-196, 2007. Editora UFPR.